

“VIVEI EM PAZ UNS COM OS OUTROS” (Mc 9,50)

O tema desta minha segunda exposição é uma máxima pronunciada por Nosso Senhor Jesus Cristo: *Vivei em paz uns com os outros*¹. Pela palestra anterior compreendemos de que paz Jesus está a falar. A paz que Jesus veio trazer é Ele mesmo: *É ele [Jesus] a nossa paz*². A paz do Evangelho não é paz do mundo. Ele disse: *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá*³.

A paz que Jesus deixou é a sua paz, não comparável a nenhuma outra, não parecida com nenhuma outra, com exigências e requisitos que não se encontram em nenhum outro livro senão as Escrituras Sagradas, em nenhum outro ensinamento senão nos Santos Evangelhos. Em consequência, o âmbito, o alcance e os critérios dessa paz, que é norma e modelo de vida para os cristãos de todas as épocas e de todas as partes do mundo, só podem ser encontrados e compreendidos à luz do exemplo e do ensinamento do Senhor Jesus e dos Apóstolos.

O muito abrangente tema da paz pode ser apresentado sob muitos prismas e com diversos enfoques. Pensemos, por exemplo: o combate à pobreza, a dimensão política, a fraternidade, a liberdade do homem, a liberdade religiosa, a dignidade da pessoa humana, a centralidade da família, o cuidado da criação, o papel da inteligência artificial na construção da paz, a relação entre o perdão e a paz, a cultura do cuidado, a esperança, a ecologia, a temática dos migrantes e dos refugiados, a superação da indiferença, a cultura da não-violência, a civilização do amor, o respeito aos direitos humanos, o protagonismo da mulher na família e na sociedade, a ajuda aos pobres, a união dos cristãos na construção da paz, o respeito à consciência de cada homem, o respeito às minorias, a importância do desenvolvimento, o protagonismo dos jovens, a paz desarmada e desarmante⁴.

Pretendo abordar o argumento da paz à luz de uma frase do Salmo 84[85],11: *Amor e Verdade se encontram, Justiça e Paz se abraçam*. Assim, a primeira parte da palestra enfocará a relação da paz com a verdade. A segunda parte tratará do vínculo da paz com a justiça. E a terceira parte se debruçará sobre o elo da justiça com o amor.

A paz caminha com a verdade

O Demônio é o grande inimigo da paz. A primeira razão disto é que Cristo é *a nossa paz*⁵. O Maligno é inimigo de Cristo. O segundo motivo é que a paz foi dada por

¹ Mc 9,50.

² Ef 2,14

³ Jo 14,27.

⁴ Esses foram alguns dos argumentos das Mensagens para o Dia Mundial da Paz dos Papas:

- São João Paulo II (1920-2005) (cf. <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace.index.html>),

- Bento XVI (1927-2022) (<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace.index.html>), - Francisco (1936-2025)

(<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace.index.html>) - Leão XIV (1955-)

(<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/peace.index.html>) .

⁵ Ef 2,14.

Cristo à sua Igreja: *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz*⁶. O Maligno odeia tudo o que vem de Jesus. O Apóstolo Pedro ensina: *O vosso adversário, o diabo, anda ao redor como leão que ruge, procurando a quem devorar*⁷. Jesus afirma que *ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade*. Por não ter permanecido na verdade, tornou-se, por antonomásia, *mentiroso e pai da mentira*⁸. Toda espécie de mentira é uma ameaça à paz, que é uma “dama” que jamais caminha sem a verdade⁹. Ali onde a verdade está ausente, ali onde ela é recusada e ali onde ela é desprezada, o diabo coloca os alicerces da guerra.

O Papa São João Paulo II (1920-2005) nos deu alguns exemplos de ausência, de recusa e de desprezo da verdade: «a mentira propriamente dita, a informação parcial e deformada, a propaganda sectária, a manipulação dos meios de comunicação», «a prática que consiste em impor àqueles que não compartilham as mesmas posições a fim de mais facilmente os atacar e os reduzir ao silêncio a etiqueta de inimigos, atribuindo-lhes intenções hostis e estigmatizando-os como agressores, mediante uma propaganda hábil e constante», «a recusa em reconhecer e a respeitar os direitos objetivamente legítimos e inalienáveis daqueles que se negam a aceitar uma ideologia particular, ou daqueles que fazem apelo para a liberdade de pensamento», quando são acusados de agressores «aqueles que manifestam claramente que a sua única preocupação é a de se porem a coberto e se defenderem das ameaças reais que infelizmente existem sempre, tanto na vida interna de uma nação como entre os povos», «indignações seletivas, insinuações perversas, manipulação das informações, descrédito lançado sistematicamente sobre o a pessoa do adversário, sobre as suas intenções e sobre os seus atos» e, por fim, atos de «chantagem e intimidação». Todas essas posturas desenvolvem «um clima de incerteza, no qual se pretende constranger as pessoas, os grupos, os governos e as próprias instâncias internacionais a silêncios resignados e cúmplices, a compromissos parciais e a reações não razoáveis; todas estas atitudes são igualmente susceptíveis de favorecerem o jogo perigoso da violência e de atacarem a causa da paz»¹⁰.

Os valores contrários à mentira são a sinceridade e a verdade. O mesmo Pontífice explica por que a paz necessita desses dois alicerces morais. Primeiro, a verdade. Por que a paz necessita do alicerce da verdade?

«Restaurar a verdade é, antes de mais nada, chamar pelo seu nome os atos de violência sob todas as suas formas. É necessário chamar o homicídio pelo seu nome: o homicídio é um homicídio; e as motivações políticas ou ideológicas, longe de lhe mudar a natureza, elas mesmas, pelo contrário, perdem com isso a sua própria dignidade.

⁶ Jo 14,27

⁷ 1Pd 5,8

⁸ Jo 8,44.

⁹ Cf. SI 84(85),11.

¹⁰ Mensagem para o Dia Mundial da Paz (01/01/1980), 08/12/1979, n. 1. ¹¹ *Op. cit.*, n. 3.

É necessário chamar pelo seu nome os massacres de homens e de mulheres, quaisquer que sejam os grupos étnicos a que pertençam e seja qual for a sua idade e a sua condição. É necessário chamar pelo seu nome a tortura e, com as qualificações apropriadas, todas as formas de opressão e de exploração do homem pelo homem, do homem pelo Estado e de um povo por outro povo. E é preciso fazê-lo, não para se ficar com a consciência tranquila, recorrendo a denúncias ruidosas que misturam tudo - e assim já se não chamam as coisas pelo seu nome - nem para estigmatizar ou condenar os indivíduos e os povos; mas sim, visando contribuir para a mudança dos comportamentos e das mentalidades, e para dar à paz a oportunidade de se afirmar»¹¹.

Agora, façamos a segunda pergunta. Por que a sinceridade é imprescindível para se construir a paz? O saudoso Pontífice polonês responde:

«Promover a verdade como força da paz é enviaar um esforço constante para não utilizarmos nós próprios, ainda que fosse para o bem, as armas da mentira. A mentira pode introduzir-se sub-reptícia e dissimuladamente em toda a parte. Assim, para manter de modo duradouro a sinceridade - a verdade conosco mesmos - é preciso um esforço paciente e corajoso, para buscar e encontrar a verdade superior e universal sobre o homem, à luz da qual poderemos avaliar as situações diversas, e à luz da qual nos julgaremos em primeiro lugar a nós mesmos e julgaremos da nossa sinceridade. É impossível instalar-se numa situação de dúvida, de suspeição e de relativismo cético, sem resvalar muito rapidamente para a insinceridade e para a mentira.

A paz, já o disse acima, fica ameaçada quando reina a incerteza, a dúvida e a suspeita; e a violência tira disso proveito. Nós queremos verdadeiramente a paz? Então é preciso escavar muito profundamente em nós mesmos para encontrar aquelas zonas, nas quais, para além das divisões que verificamos em nós e entre nós, poderemos robustecer a convicção de que os dinamismos constitutivos do homem, o reconhecimento da sua verdadeira natureza, levam o mesmo homem ao encontro, ao respeito mútuo, à fraternidade com os outros e à paz. Uma tal procura laboriosa da verdade objetiva e universal sobre o homem, com a sua diligência e com os seus resultados, fará com que surjam homens de paz e de diálogo, ao mesmo tempo fortes e humildes com a posse dessa verdade, os quais se aperceberão de que é necessário servir tal verdade, e não se servir dela para interesses de parte»¹².

¹¹ *Op cit.* n. 3

¹² *Op. cit.*, n. 4.

1) A paz caminha com a justiça

A intrínseca relação entre a justiça e a paz, como vimos, encontra-se no Salmo 84(85),11: *Amor e verdade se encontram, Justiça e Paz se abraçam*. Essa “indissociável” relação aparece também no profeta Isaías: *O fruto da justiça será a paz e a obra da justiça consistirá na tranquilidade e na segurança para sempre*¹³. No Novo Testamento, antes de ser um valor a ser defendido e vivido, a paz é uma Pessoa a ser abraçada, acolhida, adorada e seguida. O Apóstolo Paulo diz: *É por sua graça que estais em Jesus Cristo, que, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção*¹⁴. A justiça é Jesus; Jesus é nossa justiça.

Aquela que é nossa justiça deixou-nos, no Sermão da Montanha, uma importante palavra acerca da justiça como norma de conduta: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados*¹⁵. A respeito desta bem-aventurança, importa dizer que a justiça de que ela trata não é a dos homens, mas a que vem de Deus, segundo o dito do profeta: *Assim diz o Senhor: Observai o direito e praticai e a justiça, porque a minha salvação está prestes a chegar e a minha justiça, a manifestar-se*¹⁶.

Sinais da manifestação dessa justiça já aparecem no Antigo Testamento, mas somente em Jesus Cristo ela adquire o seu pleno significado e a sua máxima expressão. Nosso Senhor Jesus é a justiça em pessoa, isto é, a virtude da justiça por excelência. Mas Jesus também é o virtuoso, isto, é o praticante da justiça de Deus: *Filhinhos meus, isto vos escrevo para que não pequeis. Mas, se alguém pecar, temos um intercessor junto ao pai, Jesus Cristo, o Justo*¹⁷.

Assim, podemos tirar duas assertivas da quarta bem-aventurança: são bem-aventurados os que têm fome e sede de Jesus, que é a Justiça, e são bem-aventurados os que têm fome e sede de Jesus, que é o Justo. É feliz quem tem sede interior de Jesus, fome interior de Jesus, inquietação enquanto não é saciado inteiramente por Jesus, segundo as palavras de Santo Agostinho (354-430): *«Tu nos fizeste para ti, Senhor, e o nosso coração não encontrará a paz, enquanto não repousar em ti»*¹⁸. Ainda que mergulhada no engano e no erro, a alma humana tem sede de verdade, de bondade, de felicidade. Esta sede é bem-aventurada, porque é sede de Deus: *Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando voltarei a ver a face de Deus?*¹⁹. Esse Deus vivo é o Senhor Jesus, o Filho do Deus vivo²⁰, aquele que disse: *Aprendeí de mim*²¹. Por isso, a quarta bem-aventurança se torna aprendizado de Cristo, conforme as palavras do Apóstolo João: *Aquele que pratica a justiça é justo, como também Jesus é justo*²². Mas tal prática só é concebida no âmbito da fé: *Nele, a justiça de*

¹³ 32,17.

¹⁴ 1Cor 1,30

¹⁵ Mt 5,6.

¹⁶ Is 56,1.

¹⁷ 1Jo 2,1; cf. 1Pd 3,18; 1Jo 2,29; Ap 15,3; 16,5.7; 19,2

¹⁸ Confissões, 1, 1.5.

¹⁹ Sl 42[41],3.

²⁰ Mt 16,16.

²¹ Mt 11,29.

²² Jo 3,7.

*Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé*²³; e ainda: *Meu justo viverá da fé*²⁴.

Sempre contemplando e imitando Jesus, o termo “justiça” designa uma conduta conforme à vontade de Deus, que pode ser resumida em duas palavras: santidade e perfeição cristã. *Sede santos, porque eu sou santo*²⁵; e também: *Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito*²⁶.

Contemplando Jesus sobretudo no calvário, diga-se que Deus se manifesta justo quando expressa sua misericórdia entregando o seu Filho aos homens, por infinito amor, e quando cumpre as suas promessas. Na Bíblia, não cabe, para Deus, o conceito humano de justiça como a virtude que consiste em dar a cada um aquilo que é seu. Não. Tal concepção de justiça aplicada a Deus seria uma escandalosa blasfêmia. Perante Deus, nada que temos, em absoluto, nos pertence: *O que tens que não tenhas recebido?*²⁷. Na verdade, só existe uma coisa que nos pertence e com a qual Deus nada tem a ver: o pecado. O resto, tudo é graça de Deus! Por isso, nenhuma criatura pode reivindicar nada do Senhor, porque sua justiça é sua misericórdia; e esta é gratuita, imerecida. Ainda contemplando Jesus, o Justo, no calvário, afirmamos que a justiça divina age connosco com bondade e compaixão, concedendo-nos, sem que o mereçamos, o perdão dos pecados e a graça que nos transforma, que nos torna, pela fé e pelo batismo, filhos de Deus e herdeiros da glória do céu, pelos merecimentos de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Contemplando o Senhor durante sua vida pública, aprendemos que a justiça de Deus, que é misericórdia, traduz-se em sinceras atitudes de amor a Deus e ao próximo, às vezes manifestadas em posturas firmes e incisivas na defesa dos homens, particularmente dos fracos e indefesos, quando sua dignidade é ofendida, quando os seus direitos legítimos aos olhos de Deus são violados. De fato, muitas são as passagens dos Evangelhos em que Jesus revela sua ternura, sua doçura e sua compaixão com os pobres, aflitos, enfermos, desvalidos, possessos e até com os seus inimigos. Da mesma forma, há relatos nos quais Nosso Senhor se indigna contra a hipocrisia dos escribas, fariseus e doutores da Lei²⁸; revolta-se contra a profanação do Templo²⁹, adverte contra o abuso das autoridades que tiranizam o povo³⁰, defende a vida de uma mulher prestes a ser assassinada³¹, comove-se diante da fome material de multidões e lhes provê o alimento³², entre tantas outras provas do seu incomensurável amor pelos homens. Assim, ele cumpre plenamente as profecias que anunciaram a chegada do Messias como o *Príncipe da paz*, que assegura o *estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu Reino*,

²³ Rm 1,17.

²⁴ Hb 10,38.

²⁵ 1Pd 1,16; cf. Lv 19,2.

²⁶ Mt 5,48.

²⁷ 1Cor 4,7.

²⁸ Cf. Mt 23; Mc 12,38-40; Lc 11,37-54.

²⁹ Cf. Mt 21,12-13; Mc 11,15-18; Lc 19,45-46; Jo 2,13-22.

³⁰ Cf. Mt 20,24-28; Mc 10,42-45; Lc 22,24-27.

³¹ Cf. Jo 8,1-11.

³² Cf. Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; Jo 6,1-12.

*firmando-o, consolidando-o sobre o direito e a justiça*³³; *aquele que reinará e agirá com inteligência e exercerá na terra o direito e a justiça*³⁴.

Apresentados esses pressupostos bíblicos, importa expor o vínculo entre a justiça e a paz. E o fazemos em quatro momentos. O primeiro momento, no tocante às relações entre os Estados. O segundo momento, no que diz respeito às relações humanas. O terceiro momento, no âmbito da educação dos nossos jovens. O quarto e último momento, no âmbito da política de cada país.

Vamos ao primeiro momento, a saber: as relações entre os Estados. O Papa São João XXIII (1881-1963), na Encíclica dedicada ao tema da paz, ensinou:

«As relações entre os Estados devem reger-se pelas normas da justiça. Isto comporta tanto o reconhecimento dos mútuos direitos como o cumprimento dos deveres recíprocos. Os Estados têm direito à existência, ao desenvolvimento, a disporem dos recursos necessários para o mesmo, e a desempenharem o papel preponderante na sua realização. Os Estados têm igualmente direito ao bom nome e à devida estima. Simultaneamente, pois, incumbe aos Estados o dever de respeitar eficazmente cada um destes direitos, e de evitar todo e qualquer ato que os possa violar. Assim como nas relações individuais não podem as pessoas ir ao encontro dos próprios interesses com prejuízo dos outros, do mesmo modo não pode uma nação, sem incorrer em grave delito, procurar o próprio desenvolvimento tratando injustamente ou oprimindo as outras. Cabe aqui a frase de santo Agostinho: “*Esquecida a justiça, a que se reduzem os reinos senão a grandes latrocínios?*” (*De civitate Dei*, 1. IV, c. 4; *PL*. 41,115; cf. Pio XII, *Mensagem radiofônica*, da vigília do Natal de 1939, *AAS* 32 [1940], pp. 5-13). Pode acontecer, e de fato acontece, que os interesses dos Estados contrastem entre si. Essas divergências, porém, dirimem-se não com a força das armas nem com a fraude e o embuste, mas sim, como convém a pessoas humanas, com a compreensão recíproca, através de serena ponderação dos dados objetivos e equânime conciliação»³⁵.

Agora tratamos do segundo momento, a saber: o vínculo entre a justiça e a paz nas relações humanas. Na Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, o Papa Francisco (1936-2025) recordou:

«No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parecem uma utopia

³³ Is 9,6.

³⁴ Jr 23,5; cf. Sl 71(72),1-3.

³⁵ *Pacem in Terris*, 11/04/1963, nn. 92-93.

doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha de uma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. Esta desilusão, que deixa para trás os grandes valores fraternos, conduz “a uma espécie de cinismo. Esta é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão. (...) O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (Francisco, Discurso ao mundo acadêmico e cultural [Cagliari – Itália 22 de setembro de 2013]: *L’Osservatore Romano* [ed. semanal portuguesa de 29/IX/2013], 8)»³⁶.

Chegamos ao terceiro momento: o vínculo da justiça e da paz no âmbito da educação. No penúltimo ano do seu pontificado, o Papa Bento XVI (1927-2022) escreveu:

«No nosso mundo, onde o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos, não obstante as proclamações de intentos, está seriamente ameaçado pela tendência generalizada de recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade, do lucro e do ter, é importante não separar das suas raízes transcendentais o conceito de justiça. De fato, a justiça não é uma simples convenção humana, pois o que é justo determina-se originariamente não pela lei positiva, mas pela identidade profunda do ser humano. É a visão integral do homem que impede de cair numa concepção contratualista da justiça e permite abrir também para ela o horizonte da solidariedade e do amor (cf. Bento XVI, Discurso no Parlamento federal alemão [Berlim, 22 de Setembro de 2011]: *L’Osservatore Romano* [ed. port. de 24/IX/2011], 4-5). Não podemos ignorar que certas correntes da cultura moderna, apoiadas em princípios económicos racionalistas e individualistas, alienaram das suas raízes transcendentais o conceito de justiça, separando-o da caridade e da solidariedade. Ora “a ‘cidade do homem’ não se move apenas por relações feitas de direitos e de deveres, mas antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão. A caridade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teológico e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo” (Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* [29 de junho de 2009], 6: *AAS* 101 [2009], 644-645). “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Serão saciados, porque têm fome

³⁶ *Fratelli tutti*, 03/10/2020, n. 30.

e sede de relações justas com Deus, consigo mesmo, com os seus irmãos e irmãs, com a criação inteira.

“A paz não é só ausência de guerra, nem se limita a assegurar o equilíbrio das forças adversas. A paz não é possível na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos e a prática assídua da fraternidade” (Catecismo da Igreja Católica, 2304). A paz é fruto da justiça e efeito da caridade. É, antes de mais nada, dom de Deus. Nós, os cristãos, acreditamos que a nossa verdadeira paz é Cristo: n’Ele, na sua Cruz, Deus reconciliou consigo o mundo e destruiu as barreiras que nos separavam uns dos outros (cf. Ef 2,14-18); n’Ele, há uma única família reconciliada no amor. A paz, porém, não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-nos para a compaixão, a solidariedade, a colaboração, a fraternidade, ser ativos dentro da comunidade e solícitos em despertar as consciências para as questões nacionais e internacionais e para a importância de procurar adequadas modalidades de redistribuição da riqueza, de promoção do crescimento, de cooperação para o desenvolvimento e de resolução dos conflitos. “Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” – diz Jesus no sermão da montanha (Mt 5,9).

A paz para todos nasce da justiça de cada um, e ninguém pode subtrair-se a este compromisso essencial de promover a justiça segundo as respectivas competências e responsabilidades»³⁷.

Por fim, chegamos ao quarto e último momento, a saber: o vínculo entre a justiça e a paz no âmbito da política de cada país. Na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano de 2026, o Papa Leão XIV recordou:

«Aqueles que são chamados a assumir responsabilidades públicas, nos mais altos e qualificados cargos, investiguem “a fundo qual a melhor maneira de se chegar à maior harmonia das comunidades políticas no plano mundial; harmonia, repetimos, que se baseia na confiança mútua, na sinceridade dos tratados e na fidelidade aos compromissos assumidos. Examinem de tal maneira todos os aspectos do problema para encontrarem no nó da questão, a partir do qual possam abrir caminho a um entendimento leal, duradouro e fecundo” (João XXIII, Carta enc. *Pacem in Terris* [11 de abril de 1963], 118). É o caminho desarmante da diplomacia, da mediação, do direito internacional, infelizmente contrariado por violações cada vez mais frequentes de acordos alcançados com grande esforço, num contexto que exigiria não a deslegitimação, mas

³⁷ Mensagem para o Dia Mundial da Paz (01/01/2012), 08/12/2011, nn. 4-5.

sim o fortalecimento das instituições supranacionais. Hoje, a justiça e a dignidade humana estão, mais do que nunca, expostas aos desequilíbrios de poder entre os mais fortes. Então, como viver num tempo de desestabilização e conflitos, libertando-se do mal? É necessário motivar e apoiar todas as iniciativas espirituais, culturais e políticas que mantenham viva a esperança, combatendo a difusão de “atitudes fatalistas a respeito da globalização, como se as dinâmicas em ato fossem produzidas por forças impessoais anônimas e por estruturas independentes da vontade humana” (Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* [29 de junho de 2009], 42). Se, efetivamente, “a melhor maneira de dominar e avançar sem entraves é semear o desânimo e despertar uma desconfiança constante, mesmo disfarçada por detrás da defesa de alguns valores” (Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti* [3 de outubro de 2020], 15), deve se contrapor a tal estratégia o desenvolvimento de sociedades civis conscientes, de formas de associativismo responsável, de experiências de participação não violenta, de práticas de justiça restaurativa em pequena e grande escala. Leão XIII já o salientava claramente na Encíclica *Rerum novarum*: “A experiência que o homem adquire todos os dias da exiguidade das suas forças, obriga-o e impele-o a agregar-se a uma cooperação estranha. É nas Sagradas Letras que se lê esta máxima: “Mais valem dois juntos que um só, pois tiram vantagem da sua associação. Se um cai, o outro sustenta-o. Desgraçado do homem só, pois; quando cair, não terá ninguém que o levante” (Ecl 4,9-10). E esta outra: “O irmão que é ajudado por seu irmão, é como uma cidade forte”” (Pr 18,19) (Leão XIII, Carta enc. *Rerum novarum* [15 de maio de 1891], 37)»³⁸.

2) A paz não existe sem o amor

O Apóstolo Paulo apresenta o vínculo indissociável entre o amor e paz com essas palavras: *Acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. Triunfe em vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados a fim de formar um único corpo*³⁹. Aqui aparece claro que a caridade vem em primeiro lugar e, somente depois, a paz. Portanto, a paz é precedida pela caridade. A caridade é causa; a paz é o seu efeito. Recorda o Papa Bento XVI (1927-2022) que «a caridade é amor recebido e dado; é “graça” (*cháris*). A sua nascente é o amor fontal do Pai pelo Filho no Espírito Santo. É amor que, pelo Filho, desce sobre nós. É amor criador, pelo qual existimos; amor redentor, pelo qual somos recriados. Amor revelado e vivido por Cristo⁴⁰, é *derramado em nossos corações pelo Espírito Santo*⁴¹. Destinatários do amor de Deus, os homens são constituídos sujeitos de caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da graça, para difundir

³⁸ <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/peace/documents/20251208-messaggio-pace.html>.

³⁹ Cl 3,14-15.

⁴⁰ Cf. Jo 13,1.

⁴¹ Rm 5,5.

a caridade de Deus e tecer redes de caridade»⁴². A caridade, diz o mesmo Pontífice, «é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz»⁴³. No famoso hino de sua Primeira Carta aos Coríntios, São Paulo descreve as características da caridade: *A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*⁴⁴. Dado que, como já foi dito aqui pelo mesmo Apóstolo, que somente revestido da caridade a paz reina em nossos corações⁴⁴, parece oportuno apresentar um breve comentário do Papa Francisco (1936-2025) sobre as quinze características da caridade, para assim evidenciar os “caminhos” para se chegar à paz.

1. A CARIDADE É PACIENTE. «Uma pessoa mostra-se paciente, quando não se deixa levar pelos impulsos interiores e evita agredir. [...] Ter paciência não é deixar que nos maltratem permanentemente, nem tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos. [...] Esta paciência reforça-se quando reconheço que o outro, assim como é, também tem direito a viver comigo nesta terra. Não importa se é um estorvo para mim, se altera os meus planos, se me molesta com o seu modo de ser ou com as suas ideias, se não é em tudo como eu esperava. O amor possui sempre um sentido de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, mesmo quando age de modo diferente daquilo que eu desejaria»⁴⁵;
2. A CARIDADE É BONDOSA – O amor «não é uma postura totalmente passiva, mas há de ser acompanhada por uma atividade, uma reação dinâmica e criativa perante os outros. Indica que o amor beneficia e promove os outros. [...] O amor não é apenas um sentimento, mas deve ser entendido no sentido que o verbo «amar» tem em hebraico: “fazer o bem”. Como dizia Santo Inácio de Loyola, “o amor deve ser colocado mais nas obras do que nas palavras”⁴⁶»⁴⁷;
3. A CARIDADE NÃO TEM INVEJA – «No amor, não há lugar para sentir desgosto pelo bem do outro⁴⁹. A inveja é uma tristeza pelo bem alheio, demonstrando que não nos interessa a felicidade dos outros, porque estamos concentrados exclusivamente no nosso bem-estar. Enquanto o amor nos faz sair de nós mesmos, a inveja leva a centrar-nos em nós próprios. O

⁴² Encíclica *Caritas in Veritate*, 29/06/2009, n. 5.

⁴³ *Op. cit.*, n.

1. ⁴⁴ 13,4-7.

⁴⁴ Cf. Cl 3,14-15.

⁴⁵ Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, 19/03/2016, nn. 91-92.

⁴⁶ *Exercícios espirituais*, Contemplação para alcançar o amor (230).

⁴⁷ *Op. cit.*, nn. 93-

94. ⁴⁹ Cf. At

7,9;17,5.

verdadeiro amor aprecia os sucessos alheios, não os sente como uma ameaça, libertando-se do sabor amargo da inveja. Aceita que cada um tenha dons distintos e caminhos diferentes na vida; e, conseqüentemente, procura descobrir o seu próprio caminho para ser feliz, deixando que os outros encontrem o deles. [...] O amor leva-nos a uma apreciação sincera de cada ser humano, reconhecendo o seu direito à felicidade»⁴⁸;

4. A CARIDADE NÃO É ORGULHOSA – Vanglória é «o desejo de se mostrar superior para impressionar os outros com atitude pedante e um pouco agressiva. Quem ama não só evita falar muito de si mesmo, mas, porque está centrado nos outros, sabe manter-se no seu lugar sem pretender estar no centro». O amor «não se “engrandece” diante dos outros». A vanglória não é «apenas duma obsessão por mostrar as próprias qualidades; é pior: perde-se o sentido da realidade, a pessoa considera-se maior do que é, porque se crê mais “espiritual” ou “sábia”. [...] Alguns julgam-se grandes, porque sabem mais do que os outros, dedicando-se a impor-lhes exigências e a controlá-los; quando, na realidade, o que nos faz grandes é o amor que compreende, cuida, integra, está atento aos fracassos»⁴⁹;
5. A CARIDADE NÃO É ARROGANTE – «A atitude de humildade [...] faz parte do amor, porque, para poder compreender, desculpar ou servir os outros de coração, é indispensável curar o orgulho e cultivar a humildade. Jesus lembrava aos seus discípulos que, no mundo do poder, cada um procura dominar o outro, e acrescentava: *não seja assim entre vós*⁵². A lógica do amor cristão não é a de quem se considera superior aos outros e precisa de fazer-lhes sentir o seu poder, mas a de *quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo*⁵⁰». «Na vida familiar», e em todos os ambientes, «não pode reinar a lógica do domínio de uns sobre os outros, nem a competição para ver quem é mais inteligente ou poderoso, porque esta lógica acaba com o amor»⁵¹;
6. A CARIDADE NÃO É ESCANDALOSA – «O amor não age rudemente, não atua de forma inconveniente, não se mostra duro no trato. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos. Detesta fazer sofrer os outros. [...] A fim de se predispor para um verdadeiro encontro com o outro, requer-se um olhar amável pousado nele. Isto não é possível quando reina um pessimismo que põe em evidência os defeitos e erros alheios, talvez para compensar os próprios complexos». Pelo contrário, «um olhar amável faz com que nos detenhamos menos nos limites do outro, podendo assim tolerá-lo e unirmo-nos num projeto comum, apesar de sermos diferentes. O amor amável gera vínculos, cultiva laços, cria novas

⁴⁸ *Op. cit.*, nn. 95-96.

⁴⁹ *Op. cit.*, n.

97. ⁵² Mt

20,26.

⁵⁰ Mt 20,27.

⁵¹ *Op. cit.*, n. 98.

redes de integração, constrói um tecido social firme. [...] A pessoa que ama é capaz de dizer palavras de incentivo, que reconfortam, fortalecem, consolam, estimulam»⁵²;

7. A CARIDADE NÃO BUSCA OS SEUS PRÓPRIOS INTERESSES – «Deve-se evitar de dar prioridade ao amor a si mesmo, como se fosse mais nobre do que o dom de si aos outros. Uma certa prioridade do amor a si mesmo só se pode entender como condição psicológica, pois uma pessoa que seja incapaz de se amar a si mesma sente dificuldade em amar os outros. [...] O próprio Tomás de Aquino explicou “ser mais próprio da caridade querer amar do que querer ser amado”⁵³. [...] O amor pode superar a justiça e transbordar gratuitamente sem nada esperar em troca, até chegar ao amor maior que é “dar a vida” pelos outros»⁵⁴;
8. A CARIDADE NÃO SE IRRITA – O Apóstolo aqui trata de «uma reação interior de indignação provocada por algo exterior. Trata-se de uma violência interna, uma irritação recôndita que nos põe à defesa perante os outros, como se fossem inimigos molestos a evitar. Alimentar esta agressividade íntima, de nada aproveita. Serve apenas para nos adoentar, acabando por nos isolar. A indignação é saudável, quando nos leva a reagir perante uma grave injustiça; mas é prejudicial, quando tende a impregnar todas as nossas atitudes para com os outros. O Evangelho convida a olhar primeiro a trave na própria vista⁵⁵, e nós, cristãos, não podemos ignorar o convite constante da Palavra de Deus para não se alimentar a ira: *Não te deixes vencer pelo mal*⁵⁶; *não nos cansemos de fazer o bem*⁵⁷. [...] A reação interior perante uma moléstia que nos causam os outros, deveria ser, antes de mais nada, abençoar no coração, desejar o bem do outro, pedir a Deus que o liberte e cure»⁵⁸;
9. A CARIDADE NÃO GUARDA RANCOR – «Se permitirmos a entrada de um mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração. [...] O contrário disto é o perdão; perdão fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa, como Jesus que diz: *Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem*⁶². [...] Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil. A verdade é que» a convivência com os outros «*só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de fato, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação*». [...] *Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional,*

⁵² *Op. cit.*, nn. 99-100.

⁵³ *Summa theologiae*, II-II, q. 27, art. 1, ad. 2.

⁵⁴ *Op. cit.*, nn. 101-102.

⁵⁵ Cf. Mt 7,5.

⁵⁶ Rm 12,21.

⁵⁷ Gl 6,9.

⁵⁸ *Op. cit.*, nn. 103-

104. ⁶² Lc 23,34.

que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para conosco»⁵⁹;

10. A CARIDADE NÃO SE ALEGRA COM A INJUSTIÇA – O Apóstolo aqui se refere a «algo de negativo arraigado no segredo do coração da pessoa. É a atitude venenosa de quem, ao ver feita a alguém uma injustiça, se alegra»⁶⁰;
11. A CARIDADE SE REJUBILA COM A VERDADE – «Por outras palavras, alegra-se como bem do outro, quando se reconhece a sua dignidade, quando se aprecia nas suas capacidades e as suas boas obras. Isto é impossível para quem sente a necessidade de estar sempre a comparar-se ou a competir, inclusive com o próprio cônjuge, até ao ponto de se alegrar secretamente com os seus fracassos. Mas quando uma pessoa que ama pode fazer algo de bom pelo outro, ou quando vê que a vida está a correr bem ao outro, vive isso com alegria e, assim, dá glória a Deus, porque *Deus ama quem dá com alegria*⁶⁵. Nosso Senhor aprecia de modo especial quem se alegra com a felicidade do outro»⁶¹;
12. A CARIDADE TUDO DESCULPA – «A Palavra de Deus pede-nos: *Não faleis mal uns dos outros, irmãos*⁶². Deter-se a danificar a imagem do outro é uma maneira de reforçar a própria, de descarregar ressentimentos e invejas, sem se importar com o dano causado. Muitas vezes esquece-se que a difamação pode ser um grande pecado, uma grave ofensa a Deus, quando afeta seriamente a boa fama dos outros, causando-lhes danos muito difíceis de reparar». Os corações que amam «falam bem um do outro, procuram mostrar mais o lado bom» do outro «do que as suas fraquezas e erros, e guardam silêncio para não danificar a sua imagem». [...] «O amor convive com a imperfeição, desculpa-a e sabe guardar silêncio perante os limites do ser amado»⁶³;
13. A CARIDADE TUDO CRÊ – «Não se deve entender esta “fé” em sentido teológico, mas no sentido comum de “confiança”. Não se trata apenas de não suspeitar que o outro esteja mentindo ou enganando; esta confiança básica reconhece a luz acesa por Deus que se esconde por detrás da escuridão, ou a brasa ainda acesa sob as cinzas. É precisamente esta confiança que torna possível uma relação em liberdade. Não é necessário controlar o outro, seguir minuciosamente os seus passos, para evitar que fuja dos meus braços. O amor confia, deixa em liberdade, renuncia a controlar tudo, a possuir, a dominar. Esta liberdade, que possibilita espaços de

⁵⁹ *Op. cit.*, nn. 106-108.

⁶⁰ *Op. cit.*, n.

109. ⁶⁵ 2Cor

9,7.

⁶¹ *Op. cit.*, n. 110.

⁶² Tg 4,11.

⁶³ *Op. cit.*, nn. 112-113.

autonomia, abertura ao mundo e novas experiências possibilita «uma confiança sólida, carinhosa e, suceda o que suceder, sempre se volta a confiar», «fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira»⁶⁴;

14. A CARIDADE TUDO ESPERA – A esperança de que São Paulo fala aqui é «a esperança de quem sabe que o outro pode mudar; sempre espera que seja possível um amadurecimento, um inesperado surto de beleza, que as potencialidades mais recônditas do seu ser germinem algum dia. Não significa que, nesta vida, tudo vai mudar; implica aceitar que nem tudo aconteça como se deseja, mas talvez Deus escreva direito por linhas tortas e saiba tirar algum bem dos males que não se conseguem vencer nesta terra». Essa esperança «inclui a certeza duma vida para além da morte. Aquela pessoa, com todas as suas fraquezas, é chamada à plenitude do Céu: lá, completamente transformada pela ressurreição de Cristo, cessarão de existir as suas fraquezas, trevas e patologias»⁶⁵;
15. A CARIDADE TUDO SUPORTA – “Suportar” «é manter-se firme no meio dum ambiente hostil. Não consiste apenas em tolerar algumas coisas molestas, mas é algo de mais amplo: uma resistência dinâmica e constante, capaz de superar qualquer desafio. É amor que apesar de tudo não desiste, mesmo que todo o contexto convide a outra coisa. Manifesta uma dose de heroísmo tenaz, de força contra qualquer corrente negativa, uma opção pelo bem que nada pode derrubar». O amor que tudo suporta «não se deixa dominar pelo ressentimento, o desprezo das pessoas, o desejo de se lamentar ou vingar de alguma coisa. O ideal cristão, nomeadamente na família, é amor que apesar de tudo não desiste»⁷¹.

Dom José Francisco Falcão de Barros

(Bispo auxiliar do Ordinariado Militar do Brasil)

Assembleia Caminhos de Maria, Fátima, 07 de março de 2026

⁶⁴ *Op. cit.*, nn. 114-115.

⁶⁵ *Op. cit.*, nn. 116-

117. ⁷¹ *Op. cit.*, n.

118.